

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E OS ESTUDOS FRONTEIRIÇOS: UMA ABORDAGEM ESTRATÉGICA

INTERNATIONAL RELATIONS AND BORDER STUDIES: A STRATEGIC APPROACH

Edgar Garcia Velozo¹

RESUMO

O presente artigo busca aproximar os campos das Relações Internacionais e dos Estudos Fronteiriços. Enquanto acadêmicos/as estudam sobre a interdisciplinaridade dos estudos e análises de fronteira e de sua relevância para as ciências sociais e humanas, no Brasil se observa uma carência de trabalhos sobre as possíveis associações entre as Relações Internacionais (RI) e os Estudos Fronteiriços. Unir metodologicamente esses campos, abarcando os obstáculos e possibilidades de um estudo interdisciplinar, é elementar para as análises do sistema internacional e da política externa dos Estados. Através de revisão teórica, pretende-se identificar as vantagens da construção de uma ponte entre as duas áreas, revisitando suas teorias e verificando suas convergências. Ao fazer isso, é possível expor a função estrutural que a fronteira cumpre às Relações Internacionais e indicar as possibilidades advindas do estudo dessas regiões.

Palavras-chave: Fronteira. Relações Internacionais. Estudos Fronteiriços. Sistema Internacional. Região fronteiriça.

ABSTRACT

The present paper seeks bringing together the research fields of International Relations and Border Studies. While scholars have been studying the interdisciplinary nature of border studies analysis and their relevance to the social and human sciences, in Brazil there is a lack of works on the possible associations between International Relations (IR) and Border Studies. Methodologically joining these fields, covering the obstacles and possibilities of an interdisciplinary study, is essential for the analysis of the international system and the foreign policy of States. Through theoretical review, the main goal is to identify the advantages of building a bridge between the two fields, revisiting their theories and verifying their convergences. By doing so, it is possible to expose the structural function that the border fulfills to International Relations and indicate the possibilities which arise from the study of these regions.

Keywords: Borders. International Relations. Border Studies. International system. Border region.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Relações Internacionais na Universidade La Salle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação da Profa^a. Dra^a. Tatiana Vargas Maia (tatiana.maia@unilalasalle.edu.br). E-mail: edgar.velozo0110@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 25 de Junho de 2020.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca desenvolver, em grande medida, a ideia de que uma união entre as Relações Internacionais e os Estudos Fronteiriços podem agregar diversas vantagens estratégicas para as análises do sistema internacional. A fronteira, como forma e conceito já é visualizada e estudada por internacionalistas, contudo ainda falta uma investigação metodológica de como introduzir e se apropriar da região fronteiriça, algo que os Estudos Fronteiriços se preocupam e se debruçam sobre há algumas décadas. Além de ser uma característica estrutural do sistema internacional, a fronteira também é uma categoria de análise estrategicamente relevante para análises de política externa e outras investigações dentro do cenário mundial, ao passo que, nessa zona se observa em detalhes o comportamento e as ações de uma nação em relação à outra (STARR, MOST, 1976).

Portanto, esse trabalho se preocupa em discutir minimamente a interdisciplinaridade dentro de uma união entre as Relações Internacionais e os Estudos Fronteiriços, para assim, poder se pensar nas concordâncias e correspondências entre ambas disciplinas. Ao se fazer isso, se infere os possíveis obstáculos e vantagens encontradas nessa jornada de aproximação e se tenta descobrir a eficácia desse experimento.

Para iniciar essa pesquisa se buscou analisar como a fronteira é tratada em trabalhos realizados por internacionalistas, ou seja, qual papel e função são atribuídos por esses estudiosos ao conceito de fronteira, conforme as teorias de Relações Internacionais e suas concepções. A percepção da fronteira se modifica dependendo da perspectiva do pesquisador que está fazendo a análise, sejam por suas experiências, ideologias ou bases teóricas. (MORACZEWSKA, 2010).

Por exemplo, e isso será discutido posteriormente no trabalho, a teoria realista das Relações Internacionais visualiza a fronteira como uma linha divisória entre Estados, enquanto a visão liberal possui uma percepção distinta, colocando a fronteira como uma zona permeável e com possibilidades de trocas entre ambos os lados. Ou seja, diferentes perspectivas utilizarão o mesmo termo para produzirem análises distintas.

Ao longo deste trabalho serão apresentadas diferentes percepções sobre fronteiras, todavia é importante ressaltar que não está sendo falado apenas do limite divisório entre estados, mas também da região ou zona que esse limite proporciona,

incluindo suas interações, ocupações, movimentos e fluxos. Ferrari (2019) lembra que a fronteira além de ser um símbolo de divisão entre as entidades políticas, também é um espaço de interações, diálogos e influências.

Para finalizar, antes das considerações finais, é realizada uma pequena apresentação dessa discussão no Brasil, visto que se observa uma carência de trabalhos envolvendo esse tema no país, a partir de algumas obras elaboradas por brasileiros. Se espera, então, que essas discussões sejam continuadas por internacionalistas e que inspirem uma valorização da região fronteira como um aspecto essencial da análise do sistema internacional.

2 INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS FRONTEIRIÇOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As Relações Internacionais, como disciplina acadêmica, teve sua origem e desenvolvimento a partir do século XX, principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido - potências internacionais que buscavam e investiam fortemente em conhecimento científico sobre o sistema internacional e seus desdobramentos (HOFFMAN, 1977). Devido a necessidade de se obter dados sobre as relações e comportamentos dos países dentro do sistema internacional e com a finalidade de compreender as ações dos Estados, foram criadas estruturas de análise desse sistema internacional, ou seja, as teorias que servem de suporte para as pesquisas e investigações dentro das Relações Internacionais.

Já os Estudos Fronteiriços, considerado uma área de estudo interdisciplinar desenvolvida por estudiosos de diversas áreas, como cientistas políticos, sociólogos, geógrafos, antropólogos, linguistas, etc., também tem data recente de concepção (LAINE, 2015). Esses pesquisadores ao fazerem suas respectivas análises, começaram a perceber que as regiões fronteiriças formadas nos limites territoriais dos Estados representam importantes estruturas e categorias para a investigação científica.

Um dos tradicionais pensadores dos Estudos Fronteiriços, o geógrafo Claude Raffestin (1993) coloca as fronteiras como importantes regiões com grande valor histórico, um espaço de trocas e fluxos tanto comerciais, como culturais e identitários. Nessas zonas de fronteira, onde as bordas internacionais se encontram (ou se separam), ocorrem interações e processos que tanto materializam a soberania do

Estado, como estabelecem relações entre as nações ali presentes, podendo resultar na formação de alianças ou conflitos.

Como toda área de estudo, tanto as Relações Internacionais como os Estudos Fronteiriços têm seus conceitos principais que balizam as discussões propostas dentro desses campos. Dentre essas duas escolas, diversos conceitos coincidem, como Estado, território, nação e soberania (SCHERMA, 2015). Essas categorias ou escalas de análise têm função de auxiliar e aprimorar as discussões apresentadas pelos estudiosos dessas áreas.

Sendo um campo interdisciplinar, os Estudos Fronteiriços podem oferecer vantagens e amparar debates em muitas disciplinas das Ciências Sociais. Nas Relações Internacionais, cujo objeto de estudo principal é o sistema global de Estados, formado pelos Estados-nação soberanos e com territórios delimitados (JACKSON E SØRENSEN, 2010), as fronteiras internacionais são formas em destaque na observação das relações entre países. Devido a sua função impositiva de limite territorial e, também, de ligação de uma nação à outra, podendo formar inclusive um espaço único com uma mescla de traços culturais e identitários das duas, ou até três, margens da fronteira.

Sobre a interdisciplinaridade, principalmente entre as Ciências Sociais, Schimanski (2013) comenta que por uma tradição positivista, o meio científico ainda privilegia a especialização e especificação de um saber, ou seja, quando há algum encontro de áreas diferentes, tende-se a enxergar como uma perda no rigor científico da produção. Entretanto, não se deveria mais pensar assim, pelo fato de que o encontro de saberes, se metodologicamente elaborado, fortalece a construção de conhecimento e atribui outros horizontes para a produção científica.

O estabelecimento de diálogos entre as disciplinas acadêmicas envolve um movimento complexo devido às barreiras institucionais e aos desafios conceituais (CESCO et al, 2014). Mesmo que diversos programas de Pós-Graduação no Brasil e instituições de suporte à pesquisa já aceitem de forma mais receptiva os estudos interdisciplinares e transdisciplinares, ainda há um certo receio ao se construir aproximações teóricas entre campos diferentes do conhecimento, visto que fazer isso demanda uma carga de estudo e de debates teóricos muito grande.

J.A. Albuquerque no III Congresso Nacional de Sociologia em 1987 ressaltou que: "a interdisciplinaridade nas Ciências Sociais não pode-se resumir a um mero transplante de conceitos, perspectivas ou problemas de uma disciplina em outra"

(ALBUQUERQUE, 1987, p. 6). Assim, deve-se haver contribuições mútuas entre as áreas e um objetivo final único que não possa ser gerado sozinho, apenas interdisciplinarmente.

No caso do encontro dos Estudos Fronteiriços e das Relações Internacionais, por já terem alguns conceitos básicos coincidentes entre as duas áreas, a possibilidade de desenvolvimento se torna ainda mais favorável. Da mesma forma, a partir dessa união, surgem possibilidades singulares; que serão identificadas ao longo do trabalho, porém antes será feito um aprofundamento teórico e uma tentativa de visualizar as fronteiras a partir de duas teorias ortodoxas das Relações Internacionais.

3 PERCEPÇÕES SOBRE A FRONTEIRA A PARTIR DE TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Neste capítulo, se realiza um exercício analítico de pensar como a fronteira é percebida pelas teorias tradicionais, ou as teorias ortodoxas das Relações Internacionais: o realismo e o liberalismo. Em trabalhos como Scherma (2015) e Moraczewska (2010) se observam configurações similares, contudo há diferenças na forma em que fazem a análise e nas teorias que abordam.

No texto de Scherma, o autor apresenta uma discussão teórica sobre os principais conceitos das Relações Internacionais e suas relações com os limites e regiões de fronteira e, posteriormente, realiza uma contextualização das teorias ortodoxas das Relações Internacionais e suas reflexões sobre a fronteira em cada um desses paradigmas (SCHERMA, 2015). Moraczewska, por sua vez, constrói uma representação da abordagem teórica das Relações Internacionais sobre a fronteira, buscando identificar a importância, a função e a percepção da fronteira, de acordo com os paradigmas realistas, transnacionalistas e globalistas (MORACZEWSKA, 2010).

No presente artigo, realizamos uma breve contextualização das teorias Realista e Liberal das Relações Internacionais, com o intuito de verificar as percepções sobre fronteira de acordo com essas perspectivas teóricas. Entretanto, diferentemente dos trabalhos citados acima, aqui temos o objetivo de apontar como essas aproximações analíticas podem fornecer subsídios para uma aproximação entre as Relações Internacionais e os Estudos Fronteiriços.

Segundo Jackson e Sørensen (2010), as mais tradicionais abordagens teóricas dentro da disciplina de Relações Internacionais são a teoria Realista e a teoria Liberal. De acordo com os autores:

as abordagens teóricas são um produto de sua própria época: focam os problemas das relações internacionais considerados os mais importantes no momento. Apesar de tudo, as tradições consagradas lidam com questões internacionais de relevância permanente: guerra e paz, conflito e cooperação, riqueza e pobreza, desenvolvimento e subdesenvolvimento. (JACKSON; SØRENSEN, 2010, p. 59).

O pensamento Realista predominou no estudo das Relações Internacionais no período da Guerra Fria (1947-1991) e tem sido analisado, refinado e atualizado constantemente, com a formação inclusive da teoria neorrealista, a partir dos debates realizados entre os teóricos realistas. Nessa visão, o principal ator internacional é o Estado e segue a tendência de analisar o sistema internacional de forma racional e pessimista (WALT, 1998).

Um dos principais pensadores do realismo foi Hans Morgenthau (1948) que, após a 2ª Guerra Mundial, buscou teorizar e sistematizar a forma que as relações internacionais aconteciam e identificar tendências na política externa dos Estados-nação. Morgenthau postulava que, devido à natureza egoísta dos seres humanos, a política entre Estados também se dava dessa forma - sendo o Estado o ator principal dentro de um sistema internacional anárquico.

A teoria Realista foi revisitada e reelaborada por Kenneth Waltz (1979), que coloca o sistema internacional anárquico como a estrutura que ordena as relações internacionais. Assim, não seria mais somente a natureza humana que justificaria as ações dos atores internacionais. Essa mudança de visão faz com que se estabeleça o neorrealismo.

Segundo Andreas (2003), a produção acadêmica de viés Realista nas últimas décadas destaca a importância das fronteiras, principalmente aquela que adota uma perspectiva militar. O autor ressalta que a relação entre a teoria Realista e fronteiras se observa principalmente em estudos sobre segurança e securitização. A fronteira é percebida, pelos Realistas, como uma linha que delimita o território de cada Estado, expressando e assegurando sua soberania. É também um espaço estrategicamente valioso, do ponto de vista da segurança internacional, por ser uma área de separação entre dois ou mais países e, assim, ser um local em potencial para possíveis conflitos

internacionais., Scherma (2015) salienta um aspecto principal da visão realista sobre as fronteiras:

[...] as fronteiras, para os realistas, estão entre os principais pontos de entrada de pessoas e bens indesejáveis que constituiriam assim um ponto nevrálgico para manutenção da soberania do Estado. Nesse raciocínio, a vigilância dessas regiões é a política mais adequada, uma vez que perder a soberania significa perder poder e, no limite, deixar de existir enquanto unidade autônoma. (SCHERMA, 2015, p. 21).

Logo, se percebe que a teoria Realista, com sua visão estadocêntrica, acaba por desconsiderar os processos sociais e interculturais que acontecem nos espaços de fronteira, que também podem servir de origem e manutenção de relações não conflituosas entre os Estados do sistema internacional.

Como uma contestação ao Realismo, a teoria Liberal das Relações Internacionais se consolida priorizando outros aspectos do sistema internacional e contrariando as convicções da teoria realista. Se faz importante lembrar que tanto a teoria liberal, como a neoliberal dentro das RI, se distingue das ideologias homônimas no campo da economia, filosofia, teoria política, etc.

A partir da visão liberal, percebe-se a possibilidade de outros atores internacionais além do Estado, e se defende que a interação entre países não se dá somente em virtude de fatores políticos, mas também ocorre por meio das dimensões culturais e econômicas. Meiser (2017) aponta que as organizações internacionais e indivíduos, agora também considerados atores importantes do sistema internacional, fazem parte da rede para a construção de um sistema político justo, baseado na cooperação e consolidação de uma democracia mundial.

Sobre um olhar da teoria Liberal sobre as fronteiras, Brown (2001) critica a falta de uma teoria fronteira (*border theory*) específica do Liberalismo, devido ao potencial de debate sobre uma zona internacional com uma multiplicidade de culturas, características identitárias e possibilidades econômicas, como também a atuação de outros atores internacionais. Este autor coloca:

A ausência de uma teoria liberal ou neoliberal sobre fronteiras tem se tornado um grande motivo de vergonha para a teoria política. O que é interessante é que as teorias de Relações Internacionais também são subdesenvolvidas nessa área. (BROWN, 2001, p. 117).

Entretanto, pode-se tentar inferir a percepção liberal sobre as regiões fronteiriças com base em seus princípios e concepções. Os teóricos do Liberalismo

criticam Estados cuja política externa envolve alta militarização na fronteira, pois temem que isso afete mesmo a política doméstica e o bem estar da população (MEISER, 2017). Assim, a questão da segurança nas regiões de fronteira não é crucial à teoria liberal.

A zona fronteiriça seria percebida, pelos liberais, como um espaço de cooperação, com diversas possibilidades - como políticas econômicas e sociais que avancem a integração neste espaço e acordos comerciais entre os países vizinhos. No entanto, as comunidades fronteiriças e suas questões identitárias - falando-se de uma identidade fronteiriça específica presente em ambos lado da fronteira - seriam provavelmente desconsideradas pela perspectiva liberal, que possui um enfoque no indivíduo, tanto quanto na sua ação como um dos atores internacionais

Sendo assim, se observam lacunas na teorização de fronteira dentro da área das Relações Internacionais. Um dos caminhos para se ajustar isso é com uma aproximação aos Estudos Fronteiriços, esse campo interdisciplinar que já tem construído e qualificado as discussões e análises sobre fronteiras, possibilitando diálogos entre diversas áreas de estudo.

Este exercício de análise através da perspectiva teórica realista e liberal também permite visualizar algumas das vantagens resultantes de uma aproximação entre as Relações Internacionais e Estudos Fronteiriços. Perceber as capacidades estratégicas de um estudo a partir de regiões fronteiriças, pode beneficiar e enriquecer o trabalho de internacionalistas, que comumente focalizam sua investigação no centro e acabam por desconsiderar as bordas territoriais dos Estados.

4 DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Ao apresentar um histórico sobre o estudo de fronteiras, Laine (2015) põe a dinâmica desses espaços como construções sociais complexas e salienta que:

desde o final da Guerra Fria, as fronteiras internacionais têm sido cada vez mais entendidas como instituições sociais multifacetadas e menos como apenas marcadores políticos de soberania. [...] Estudiosos da fronteira se tornaram interessados na produção social das fronteiras e de que forma as suas diferenças socioespaciais são comunicadas. (LAINE, 2015, p. 30).

A partir disso, percebe-se que a história dos Estudos Fronteiriços conta com uma ressignificação do objeto de estudo ao longo do tempo e conforme a perspectiva,

ou seja, acompanham as mudanças do cenário mundial e refinam o entendimento de seus conceitos principais - o que acontece também na disciplina de RI.

Outro pensador dos Estudos Fronteiriços, Paasi (2005, p. 5) lembra que: "o pensar nas ciências sociais e as categorias e conceitos produzidos por esse pensamento não podem ser visualizados como permanentes ou fixos." Assim, há um diálogo natural entre os dois campos, que vai além da correspondência entre conceitos e áreas de estudo, também há congruências em suas discussões conforme o movimento da história.

Como posto anteriormente, estudos e produções interdisciplinares passam por alguns obstáculos que requerem atenção, como o rigor metodológico e científico e apropriação de conceitos não tão comumente utilizados pela área. Por exemplo, território é um conceito amplamente discutido e examinado dentro da Geografia, assim quando algum acadêmico de outra área fizer uso desta categoria de análise é preciso que se cumpra com a carga de discussões atreladas a tal conceito.

Conjuntamente, há o fato de que os Estudos Fronteiriços, assim como as Relações Internacionais, vêm recentemente se consolidando, postulando suas primeiras teses e estabelecendo suas bases. Assim, cientistas sociais mais tradicionais podem criticar uma união entre esses dois campos, por sua jovem presença como disciplina acadêmica, mesmo que esses estudos tenham sido iniciados há mais de um século.

Logo, se faz necessário que, caso essa aproximação seja realizada, haja respeito aos limites das disciplinas, sem desconsiderar as possibilidades advindas do diálogo entre elas. Assim como ocorre na fronteira, deve-se respeitar as normas e soberania dos Estados-nação, contudo não se pode desvalorizar o produto das dinâmicas e interações fronteiriças.

Pensando nas oportunidades possibilitadas por essa aproximação, é importante atentar aos prospectivos cenários proporcionados pelas fronteiras para a análise do sistema internacional. A introdução de novos aspectos no campo de visão do internacionalista tanto fortifica seu aporte teórico, como enriquece o desenvolvimento de seu trabalho. A título de exemplo, uma líder de uma nação ou um chefe de operações executivas de uma empresa multinacional devem estar atentos aos processos sociais e políticos e aos fluxos comerciais e populacionais das bordas internacionais, devido às oportunidades e informações estratégicas que ali se formam e se materializam.

Assim como, produções realizadas por internacionalistas com foco em regiões fronteiriças organizam dados e discussões de alta relevância para a teorização das fronteiras, contribuindo assim para a consolidação dos Estudos Fronteiriços. A organização desses trabalhos podem ser utilizadas para a identificação de novos paradigmas teóricos para ambas as áreas de tudo.

As fronteiras são regiões, ou zonas, de alta relevância estratégica para o Estado, organizações internacionais, empresas multinacionais e demais atores do sistema internacional. Nesses locais ocorrem diversos processos que se configuram como relações internacionais, tanto nos aspectos políticos, como econômicos, sociais e culturais, por exemplo: os acordos de cooperação política bi ou trinacionais, os fluxos migratórios forçados de indivíduos que se deslocam diariamente de um país a outro para trabalhar, estabelecimentos comerciais que atendem a população de ambos países, etc.

Portanto, o diálogo entre os Estudos Fronteiriços e as Relações Internacionais é mutuamente vantajoso, tanto para o fortalecimento desses campos, quanto para o reconhecimento da realidade das populações fronteiriças e, conseqüentemente, internacionais. Ultrapassados os desafios citados acima, se descobrem diversas utilidades e novas interpretações sobre as regiões de fronteira e seu papel no sistema internacional.

5 A DISCUSSÃO NO BRASIL

Pouca atenção tem sido direcionada a conceituar, analisar e inferir dados sobre as regiões e zonas de fronteira dentro da disciplina de Relações Internacionais (STARR; MOST, 1976). Ao longo dos últimos anos, as investigações construídas por estudiosos de RI têm se aproximado das regiões fronteiriças, mas o volume dessas produções ainda são baixos, especialmente no Brasil.

Essa escassez de trabalhos associando as Relações Internacionais e os Estudos Fronteiriços se observa a partir do trabalho de Dorfman et al. (2018), onde nota-se que dentre as áreas de conhecimento mais relevantes para os Estudos Fronteiriços e dentre os periódicos que mais se destacam nas publicações desse campo, no Qualis-Periódicos (2013-2016), nenhum deles é especificamente da área de Relações Internacionais. Ou seja, em uma lista das áreas que participam da produção brasileira sobre temáticas relacionadas às fronteiras, a área das Relações

Internacionais ocupa um lugar menos expressivo do que áreas como História, Geografia e Antropologia.

Por mais que haja essa carência de trabalhos interdisciplinares entre as duas áreas de estudo, não se deve desconsiderar as produções que têm sido apresentadas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros. Por exemplo, o cientista social e internacionalista Márcio Scherma (2015) em sua tese de doutorado desenvolve e reforça a discussão teórica do conceito de "fronteira" dentro das Relações Internacionais, evidenciando sua importância e possibilitando um olhar a partir de outra perspectiva acadêmica. Neste trabalho, o autor analisa majoritariamente as fronteiras brasileiras, a partir de um olhar construtivista - sendo essa, outra teoria importante para o espectro analítico das Relações Internacionais.

O livro de artigos organizado por Henrique Sartori de Almeida Prado e Tomaz Espósito Neto (2015) apresenta uma seleção de treze textos que não só debatem a aproximação dos dois campos, mas também já é posto em prática o olhar internacionalista sobre a fronteira, com trabalhos sobre cooperação, integração e segurança internacional.

Entre esses textos, há diversas perspectivas e domínios diferentes que trazem à tona discussões atuais e estudos de caso. Discutindo a integração regional, tema de grande importância às RI, e sua relação com a região fronteira, Losada e Sadeck (2015) apresentam diversos projetos de cooperação trinacional que impulsionam o desenvolvimento econômico e promovem a interculturalidade entre Estados que dividem fronteira, especificamente o caso do consórcio intermunicipal da fronteira.

Em relação ao tema de segurança internacional, Lobo (2015) apresenta as relações Brasil - Paraguai e como, por sua divisão de fronteiras internacionais, esses países foram de conflitos a projetos de cooperação. Enquanto isso, Lamoso (2015) trata especificamente da segurança pública em áreas de fronteira no estado do Mato Grosso do Sul, que compartilha suas bordas com Paraguai e Bolívia, e como se dão as relações institucionais entre esses países e seus mecanismos de segurança.

Estes são apenas alguns exemplos de trabalhos elaborados e organizados por pesquisadores brasileiros dedicados a essa inserção e valorização da região fronteira no campo de Relações Internacionais. Nota-se que esses trabalhos têm sido produzidos recentemente, indicando um movimento já existente da aproximação entre os campos no país, porém ainda em seus primeiros passos.

Neles se percebem algumas das vantagens e possibilidades que a associação dos Estudos Fronteiriços e das Relações Internacionais podem oferecer, contribuindo para interpretações íntegras do sistema internacional, a partir de áreas culturalmente, politicamente e economicamente multifacetadas. Essa abordagem interdisciplinar deveria ser vista como estratégica aos pesquisadores de ambas as áreas de estudo, para que partindo deste entendimento, se construam projetos que abranjam essas disciplinas e possibilitem esses diálogos que enriquecem o debate acadêmico, ao trazer outras perspectivas e realidades, também evidenciando grupos populacionais e situações sociais que são, em grande medida, marginalizados por algumas das ciências sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 1976, os cientistas políticos Harvey Starr e Benjamin A. Most identificaram a importância da fronteira para entender a estrutura do sistema internacional, a partir de dados sobre as fronteiras internacionais e suas características e relações. Partindo ainda de uma visão colonial, com dados sobre as fronteiras tanto dos Estados soberanos como de suas colônias e territórios ultramarinos, eles conseguiram visualizar a relevância estratégica de observar e analisar metodologicamente as bordas territoriais.

Após o estudo dessas e outras distintas produções sobre a história, utilização e conceituação da fronteira e sua (sub)utilização dentro da disciplina das Relações Internacionais são realizadas algumas considerações sobre a concepção de uma abordagem que associe os Estudos Fronteiriços às RI.

Se faz importante lembrar que um dos objetivos deste trabalho, dentre outros, é identificar as possíveis vantagens ou benefícios de uma aproximação das duas disciplinas aqui discutidas. Ou seja, não faz parte do escopo deste artigo esgotar a bibliografia de produções acadêmicas da área de Relações Internacionais que trazem o conceito de fronteira pro debate, nem desenvolver a discussão teórica necessária a essa empreitada.

Outro objetivo é indicar caminhos que podem ser seguidos para o uso da fronteira na produção acadêmica realizada por internacionalistas, seja para quem estude os debates teóricos estruturais da disciplina, seja para quem realize estudos de caso em regiões de fronteira. Posto isso, lembra-se que já existem trabalhos que

fazem a inclusão do conceito de fronteira, a proposta aqui é uma diferente abordagem, metodologicamente construída por pesquisadores de ambas as áreas e abarcando os conceitos e metodologias tanto de uma disciplina, como de outra.

Em relação aos obstáculos, se encontram os desafios atrelados a estudos interdisciplinares, ou seja, para realizar essa união e intercâmbio entre as duas disciplinas, deve-se atentar não somente as produções já existentes, mas também à epistemologia desses campos e aos conceitos que serão utilizados e partilhados nessa jornada. Assim, é preciso realizar uma vasta revisão teórica entre as principais produções dos campos para que se dê início a construção dessa aproximação e, enfim, uma definição de uma abordagem interdisciplinar advinda das duas áreas de estudo em foco.

Por fim, verifica-se que essa nova abordagem, se concebida de forma qualificada, pode ser de grande utilidade aos analistas do sistema internacional e pesquisadores de temas afins. Abrangendo diversas dimensões das relações internacionais, com questões de cooperação, conflito, segurança, integração, legislação, identidade, cultura, etc., há inúmeras opções de discussão, todas pertinentes às ciências sociais.

Utilizar as zonas fronteiriças como ponto de partida para o debate ou como áreas de estudo específicas, resulta na organização e sistematização de dados sobre essas regiões. Assim, se possibilita a criação de um acervo que auxilia e enriquece o trabalho de quem se dedica a revisitar as teorias de Relações Internacionais ou busca consolidar as teorias sobre fronteiras (*border theories*).

As teorias estruturais das RI já têm muito a oferecer aos internacionalistas que embarcam na jornada acadêmica, logo, se aproximando dos Estudos Fronteiriços, para desenvolver suas investigações, torna-se viável uma nova visão estratégica e com abundância de informações sobre o comportamento e tendências dos atores do sistema internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. A interdisciplinaridade é possível? In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 1987, Brasília - DF. **Anais**. Sociedade Brasileiro de Sociologia, 1987.

ANDREAS, Peter. Redrawing the Line: Borders and Security in the Twenty-First Century. **International Security**, Mit Press, v. 28, n. 2, p. 78-111, Fall, 2003.

BROWN, Chris. Borders and Identity in International Political Theory. In: ALBERT, Mathias; JACOBSON, David; LAPID, Yosef (ed.). **Identities, Borders, Orders: rethinking international relations theory. Rethinking International Relations Theory.** Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2001. p. 117-136.

CESCO, Susana; MOREIRA, Roberto José; LIMA, Eli de Fátima Napoleão de. INTERDISCIPLINARIDADE, ENTRE O CONCEITO E A PRÁTICA: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 84, p. 57-71, fev. 2014.

DORFMAN, Adriana; CAGLIARI, Bruna Bianchi; FROEHLICH, Cátia; MAZER, Dulce; CAYE, Luísa Amato; ROCHA, Rafael Port da; LEOBETH, Thaís; PRESTES, Vithor Amaral. Periódicos relevantes para os Estudos Fronteiriços Brasileiros: a elaboração, a aplicação e os resultados do questionário unbral fronteiras. **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras**, [s.l.], v. 5, p. 15-89, 22 out. 2018. Editora Letra1.

FERRARI, M. Como Pensar a Identidade Nacional em Zonas De Fronteira? Uma análise a partir de dois conjuntos de Cidades Gêmeas Brasileiro-argentinas. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 39, p. 1-18, 29 jul. 2019.

HOFFMAN, Stanley. An American Social Science: International Relations. **Daedalus: Discoveries and Interpretations: Studies in Contemporary Scholarship**, Mit Press, v. 106, n. 3, p. 41-60, Summer, 1977.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introduction to International Relations: Theories and Approaches**. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAINE, Jussi P.. A Historical View on the Study of Borders. In: SEVASTIANOV, Sergei V. et al (ed.). **Introduction to Border Studies**. Dalnauka: Far Eastern Federal University, 2015. p. 14-32.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Segurança Pública nas fronteiras do Mato Grosso do Sul. In: PRADO, Henrique Sartori de Almeida; ESPÓSITO NETO, Tomaz (org.). **Fronteiras e Relações Internacionais**. Curitiba: Ithala Ltda., 2015. p. 213-238.

LOBO, Carlos Eduardo Riberi. Forças Armadas, Geopolítica e Fronteira - As relações entre o Paraguai e o Brasil no período Stroessner: 1954 - 1989. In: PRADO, Henrique Sartori de Almeida; ESPÓSITO NETO, Tomaz (org.). **Fronteiras e Relações Internacionais**. Curitiba: Ithala Ltda., 2015. p. 199 - 212.

LOSADA, Paula Ravanelli; SADECK, Bruno. O papel da fronteira na integração regional - o caso do consórcio intermunicipal da fronteira. In: PRADO, Henrique Sartori de Almeida; ESPÓSITO NETO, Tomaz (org.). **Fronteiras e Relações Internacionais**. Curitiba: Ithala Ltda., 2015. p. 3-54.

MEISER, Jeffrey W. Liberalism. In: MCGLINCHEY, Stephen; WALTERS, Rosie; SCHEINPFLUG, Christian (ed.). **International Relations Theory**. Bristol: E-international Relations Publishing, 2017. p. 22-27.

MORGENTHAU, Hans J.. **Politics Among Nations: The struggle for power and peace**. Nova York: Alfred A. Knopf Inc., 1948. 516 p.

PRADO, Henrique Sartori de Almeida; ESPÓSITO NETO, Tomaz (Org.). **Fronteiras e Relações Internacionais**. Curitiba: Íthala, 2015. 288 p.

MORACZEWSKA, Anna. THE CHANGING INTERPRETATION OF BORDER FUNCTIONS IN INTERNATIONAL RELATIONS. **Revista Română de Geografie Politică**, Oradea, v. XII, n. 2 , p. 329-340, nov. 2010.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

SCHERMA, Márcio Augusto. AS POLÍTICAS BRASILEIRAS PARA A FAIXA DE FRONTEIRA: UM OLHAR A PARTIR DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2015. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015

SCHERMA, Márcio Augusto. As Fronteiras nas Relações Internacionais. In: PRADO, Henrique Sartori de Almeida; ESPÓSITO NETO, Tomaz (org.). **FRONTEIRAS e relações internacionais**. Curitiba: Íthala, 2015. p. 288.

SCHIMANSKI, Edina. Abordagem Interdisciplinar e Ciências Sociais. **Publicatio: Ciências Sociais e Interdisciplinaridades**, Ponta Grossa, v. 21, n. 1, p. 7-8, 15 ago. 2013.

STARR, Harvey; THOMAS, G. Dale. The Nature of Borders and International Conflict: Revisiting Hypotheses on Territory. **International Studies Quarterly**, Malden, v. 49, p.123-139, 2005.

PAASI, Anssi. Generations and the 'Development' of Border Studies. **Geopolitics**, [s.l.], v. 10, n. 4, p. 663-671, dez. 2005. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14650040500318563>.

WALT, Stephen M.. International Relations: One World, Many Theories. **Foreign Policy**, Washington D.C., v. 10, p. 29-46, Spring, 1998.

WALTZ, Kenneth N.. **Theory of International Politics**. Menlo Park: Addison-wesley, 1979. 241 p